

PERSPECTIVA CRÍTICA DO TURISMO: PROPOSIÇÕES ÉTICAS E FILOSÓFICAS A PARTIR DA REALIDADE LATINO-AMERICANA¹

Alexandre Panosso Netto²

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar a forma como a América Latina foi/é vista pelos povos estrangeiros. Para isso foi desenvolvida uma breve reflexão histórica e cultural sobre a formação da região, na qual são denunciados os estereótipos consagrados do exotismo, da utopia e da magia. Tais estereótipos acabaram por moldar e direcionar as políticas de turismo e de marketing turístico de grande parte dos países da região. A visão estereotipada não permite que se evidencie a América Latina como ela é, o que acaba por levar à comercialização de um produto turístico não condizente com a realidade. Também são denunciadas as formas de exploração do turismo na região, em muito consideradas não éticas e carentes de fundamentos analíticos a partir de uma reflexão filosófica e teórica original e própria. Por fim, propõe-se a superação deste dilema por meio da valorização do que de fato representa a América Latina a partir de conceitos ditos por seus povos e não pelo estrangeiro, ou, na proposta do filósofo Leopoldo Zea Aguilar, a construção de uma identidade latino americana com a defesa de uma América Latina Integral.

Palavras-chave: América Latina. Turismo. Ética. Estereótipos. Realismo Mágico.

CONTEXTO GERAL

Tentarei apresentar uma análise crítica do turismo, problematizando

1 As reflexões aqui expostas foram desenvolvidas pelo autor baseadas em sua experiência de trabalho com o turismo na América Latina e fundamentadas com transcrição de passagens de Panosso Netto e Trigo (2016) e Pieri e Panosso Netto (2015). Uma versão preliminar e ligeiramente diferente foi apresentada como conferência de abertura do 5º Congresso Unesco UNITWIN 2017, Cultura, Turismo e Desenvolvimento, em Coimbra, 18-22 de abril de 2017.

O autor agradece a leitura atenta e sugestões ao texto original feitas por Antonio Carlos Sarti (EACH-USP); Sidnei Raimundo (EACH-USP); Tatiana Lima Sarmiento Panosso (EACH-USP) e Marcelino Castillo Nechar (UAEMex – Toluca, México).

2 Graduado em Filosofia, graduado em Turismo, mestre em História, doutor em Ciências da Comunicação, professor livre-docente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Possui 25 livros publicados sobre turismo e por volta de 40 artigos científicos. Email: panosso@usp.br

uma perspectiva de América Latina vista pelo olhar do estrangeiro, como exótica, utópica e mágica. Esse olhar estrangeiro influenciou as práticas e políticas, em uma clara relação de que a teoria está mais próxima do cotidiano do que imaginamos. Neste sentido, a obra de 1943 *América invertida*, do artista uruguaio Joaquín Torres García, nos serve de referência. Torres García escreveu sobre tal obra: “temos uma ideia verdadeira de nossa posição, e não aquela que o resto do mundo deseja”. Creio que é isso o que devemos buscar e tentarei expor na sequência.

É impossível falar de ética, desenvolvimento e investigação em turismo na América Latina sem primeiro compreender alguns aspectos históricos, políticos, culturais e econômicos desta região e desses povos que sempre deslumbraram os viajantes desde a época colonial. Tais povos estão espalhados pelo vasto território que é composto por metrópoles com áreas ricas e também áreas miseráveis e por aldeias frágeis e pobres.

A identidade latino-americana foi, ao longo da história desta grande região geográfica, menosprezada pela comunidade internacional e pelos próprios países que a compõem. O que continuou ocorrendo ao longo do século XX, apesar dos inúmeros acordos de integração regional e das diversas instituições supranacionais em âmbito subcontinental constituídas³.

A “América Latina existiu sempre sob o signo da utopia”, escreveu Darcy Ribeiro (1986). Essa utopia também foi evidenciada pelo realismo mágico de Gabriel García Márquez em seu livro *Cem anos de solidão*, ao falar de Macondo, sua cidade imaginária. Pode-se dizer que muitas Macondos hoje são destinos de turistas interessados em suas maravilhas naturais, gastronômicas, turísticas, históricas etc. O imaginário dessa parte do continente americano, ao sul da América anglo-saxônica, é um mosaico formado ao longo dos séculos por visões estrangeiras e nativas que se sobrepõe à realidade local.

A Filosofia da Libertação e a Teologia da Libertação também buscaram apontar as falácias e estereótipos da região por meio da pena de autores do calibre de Enrique Dussel e Leonardo Boff, entre inúmeros outros. Apesar de alguns crerem que elas já estão mortas, o certo é afirmar que o tema latino-americano, de tangencial, passou ao centro do debate em alguns aspectos, inclusive religioso. Veja-se o caso do ex-padre católico Leonardo Boff que teve que explicar suas ideias na Santa Sé, em Roma, ao cardeal Ratzinger, antes deste ser eleito Papa. Veja-se o caso do atual Papa, que é argentino.

³ Dois são os acordos principais: o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), a União de Nações Sul-Americanas (UNASUL).

De uma forma geral, terminou-se por aceitar que é latino-americano aquele país que se encontra nas regiões das Américas e do Caribe, cuja população fala línguas de origem latina, mais especificamente o português, o espanhol e o francês. Como é fácil perceber, esta definição exclui países como EUA e Canadá (ainda que este último tenha regiões francófonas) e inclui outros, como o México que, do ponto de vista físico, localiza-se na América do Norte, e o Haiti, dotado de elementos essencialmente africanos e de colonização francesa (MIGNOLO, 2007). Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe⁴ (Cepal), o conceito de América Latina e Caribe corresponde, então, a uma região de 21 milhões de quilômetros quadrados que se estende do México à Argentina e engloba uma população de aproximadamente 610 milhões de habitantes, divididos em 46 países.

BREVE CONTEXTO ECONÔMICO E POLÍTICO

A instabilidade econômica, inflação, endividamento público e isolamento comercial foram características marcantes da economia de grande parte dos países da América Latina ao longo do Século XX (SANTOS, 2016). Os inúmeros planos econômicos governamentais e projetos de ajuda externa não conseguiram efetivamente colocar a economia latino-americana na rota do desenvolvimento. Reduções nos preços das *commodities* de exportação desferiram golpes adicionais na economia da região. Ineficiência, burocracia e a corrupção do Estado também contribuíram para minar o projeto latino-americano de desenvolvimento econômico. Explosões localizadas de crescimento foram quase sempre precedidas e seguidas por décadas de estagnação. O resultado desse conjunto de fatores foi um crescimento econômico insuficiente para tirar a América Latina da pobreza até então (SANTOS, 2016).

Esses distúrbios também levaram à desestruturação dos países, prejudicando o crescimento econômico de longo prazo. Somente dois países têm Produto Interno Bruto de destaque em termos absolutos. O Brasil, com US\$ 2 trilhões e como 9^a economia mundial, e o México, com um PIB de US\$ 1,3 trilhão, por volta da 16^a posição no ranking mundial. Argentina, Venezuela, Colômbia, Chile, Peru, Porto Rico e Venezuela podem ser considerados de economia média, com PIB superior a US\$ 100 bilhões.

Esses números não são grandes se analisarmos as populações desses países. O Brasil, por exemplo, tem 200 milhões de habitantes e um PIB

4 Criada em 25 de fevereiro de 1948, a Cepal é uma das cinco comissões econômicas regionais da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo principal objetivo geral é de contribuir com o desenvolvimento econômico dos países da região da América Latina e do Caribe.

per capita anual de menos de US\$10 mil. O México, por sua vez, com 130 milhões de habitantes, tem renda per capita também de menos de US\$ 10,3 mil. A média na região é de apenas US\$ 9,8 mil, ou seja, não chega nem a um quinto da renda média de um cidadão dos EUA. Apenas como comparação, a renda per capita em Portugal é de US\$ 20 mil, na Espanha US\$ 25 mil, na França US\$ 41 mil. O Haiti, país mais pobre, tem renda per capita anual de apenas US\$ 820. Portanto, essa região é um bolsão de miséria com ilhas de riqueza.

Mas cuidado, os dados do PIB mascaram e escondem a enorme desigualdade social. Tais números podem até mostrar a grandeza econômica de Brasil e México, mas quando se verifica o Índice de Desenvolvimento Humano, todos os países latino-americanos despencam na qualidade de vida. O Brasil ocupa o 79º lugar e o México, o 77º.

A abordagem da cartilha da Cepal seguia as recomendações do Banco Mundial, ou seja, seria possível pensar em desenvolvimento, desde que a partir das orientações do Fundo Monetário Internacional, em linhas gerais, com austeridade econômica e com pouca intervenção estatal. Sob essa ótica, não repercutiu na redução do quadro de pobreza da América Latina, mas manteve os países numa relação de subordinação e endividamento em relação aos países ricos.

Existe uma enorme desigualdade social evidenciada pelas favelas, violência crônica, moradores de rua, pobres nas cidades e nos campos. O índice Gini, que mede a desigualdade de distribuição de renda, aponta 11 países latinos entre os 20 países do mundo com pior distribuição de renda.

Segundo a ONG mexicana Conselho Cidadão para Segurança Pública e Justiça Penal, entre as 50 cidades mais violentas do mundo, 43 estão na América Latina. Entre estas, 19 cidades estão no Brasil, 8 no México, 7 na Venezuela, 4 na Colômbia, 2 em Honduras, 1 em El Salvador, 1 na Guatemala e 1 na Jamaica. Apenas para ilustrar o problema da violência, no Brasil, em 2016, aconteceram quase 60 mil assassinatos por armas de fogo (Atlas da Violência, 2016, Brasil).

Vários países latino-americanos tiveram governos ditatoriais/militares, principalmente na segunda metade do século XX. Entre eles estão Chile, Brasil, Bolívia, Uruguai e Argentina. A democracia nesta parte do globo ainda é uma criança frágil que necessita ser cuidada. Sem contar o caso de guerras internas, tais como no Haiti e em El Salvador.

No Brasil, por exemplo, em 2016, tivemos a destituição do poder de um governo eleito legitimamente, cujo trauma assola a população frente à fragilidade das instituições que temos. Na Argentina, a ex-presidenta Cristina Kirchner está sendo processada por corrupção e seu sucessor Mauricio Macri enfrenta greves gerais. Na Venezuela, o Supremo Tribunal de

Justiça assumiu as funções do Congresso Nacional e o país está prestes a entrar numa guerra (Nicolás Maduro é o presidente, no momento). O México sofre com a tensão causada pela eleição de Donald Trump, pelos desentendimentos diplomáticos com os EUA e com a pressão sobre seu presidente Enrique Peña Nieto. O Peru acaba de enfrentar uma grande greve geral dos trabalhadores. Enfim, um caldeirão efervescente é a região, neste momento.

Vale apontar que os países da América do Sul, extremamente assimétricos do ponto de vista econômico, têm buscado de alguma maneira – apesar das dificuldades decorrentes dos contenciosos latentes entre eles – ampliar as relações políticas, através de acordos que reúnem todos os modelos de integração sub-regional de âmbito comercial, transformando-os num debate mais amplo de esfera política em escala subcontinental.

SOBRE O TURISMO NA PRÁTICA

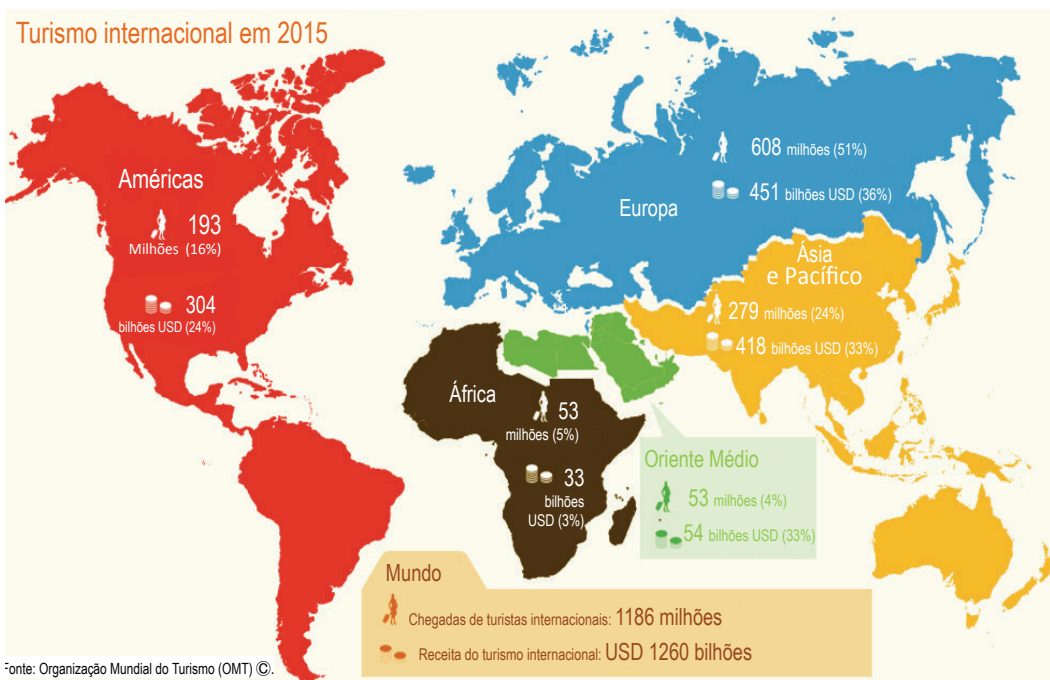
Agora destaco alguns números com ênfase nas características mais latentes do turismo internacional na região, a partir dos números disponibilizados pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em 2017, segundo dados coletados em 2015.

É importante observar que o recorte latino-americano não é utilizado pela OMT. Nesse sentido, buscou-se adaptar os dados da América do Sul, América Central, Caribe e do México.

No que se refere ao recebimento de turistas internacionais, temos:

México	32 milhões de turistas
América Central	10,2 milhões de turistas
América do Sul	29 milhões de turistas
Caribe	23,9 milhões de turistas
TOTAL NA GRANDE REGIÃO	95,1 milhões de turistas (por volta de 9% do fluxo turístico mundial).

Somente 5 países recebem mais de 4 milhões de turistas: México: 32 milhões; Brasil: 6,3 milhões; Argentina: 5,7 milhões; República Dominicana: 5,6 milhões e Chile: 4,4 milhões.



95,1 milhões

América do Sul + Caribe + América Central

Essa assimetria representada não somente pelos números mexicanos, mas também pela dimensão dos dados apontados em países de pequeno território e população – cujo turismo representa a maior fonte de entrada de capitais – levanta algumas questões relacionadas à elaboração de planos nacionais de turismo, especialmente no Brasil, país cuja dimensão demográfica, econômica e territorial equivale a mais de 50% do total sul-americano.

Portanto, apesar dos vetores relacionados à distância dos principais polos emissores, os países da região devem focar numa política de turismo pautada no profissionalismo, na realidade da oferta turística, no constante diálogo intersetorial e entre as diversas instâncias político-institucionais. Através da melhoria da infraestrutura, da segurança pública, da qualificação profissional, enfim, da boa imagem no exterior, se poderá superar, em termos, o isolamento físico-territorial.

O fato dos destinos consolidados receberem mais turistas internacionais perdura de longa data. Ele pode ser explicado por muitos fatores, tais como o grande público consumidor de turistas de tais destinos que são tanto emissores, quando receptivos, a elevada qualidade dos serviços e produtos turísticos dos destinos, a boa imagem e o longo histórico de desenvolvimento do turismo, entre outros. Ao contrário, América do Sul e Central, por estarem distantes dos grandes países emissores de turismo e serem destinos jovens, entre outros fatores, são regiões que recebem menos turistas.

Destacamos a chegada de turistas internacionais, mas em mercados como o Brasil e Argentina o turismo interno é o que mais gera riquezas. Por exemplo, no Brasil são 100 milhões de viagens nacionais por ano.

Os turistas por lazer que vêm à América Latina estão interessados em desfrutar de seu território turístico que se apresenta basicamente em três grandes grupos:

1. Litoral – oceanos Atlântico Sul, Pacífico, Golfo do México e Mar das Caraíbas;

2. Interior – montanhas, florestas, paisagens centrais, vulcões, vales, vilarejos históricos (as “Macondos”, de Gabriel García Márquez), sítios arqueológicos;

3. Cidades – grandes cidades com ar cosmopolita, combinados com escapadas a cidades e vilas menores.

No aspecto do patrimônio cultural, a América Latina e Caribe apresentam 91 bens culturais, 36 naturais e 4 mistos, num total de 131 bens que foram declarados Patrimônio da Humanidade. Oito deles estão em perigo e correm o risco de desaparecer.

Entre eles, os ameaçados, temos destinos de alta atratividade mundial, tais como Machu Picchu (Peru), Antigua, Tikal e Mirador (Guatemala), Teotihuacán e Chitzén Itzá (México), Parque de Guanacaste (Costa Rica) etc.

Importa dizer que, apesar de terem grande atratividade, não possuem infraestrutura turística e existe um imenso descaso dos órgãos governamentais. Veja-se o caso da famosa Machu Picchu que ameaça ruir sobre si mesma com o elevado fluxo de visitantes; ou da área natural protegida de Guanacaste, na Costa Rica, na qual a região do Golfo do Papagaio, um dos mais belos da América Central, está sendo entregue para o capital estrangeiro por 99 anos, em troca de investimentos na região. A população local já se manifestou contrária a tal ação, e sofre hoje com os problemas da falta de água a partir da retração do lençol freático e também com a dependência econômica que foi criada pela monocultura do turismo; ou no parque arqueológico de Tikal, Guatemala, o qual os trabalhadores, em 2016, ameaçaram fechar as portas por não receberem seus salários do governo; ou Ouro Preto, no Brasil, cidade colonial, joia do barroco nas Américas, que está ruindo devido ao alto fluxo do tráfego de automóveis e as autoridades locais tardam em tomar ações como a de proibir o trânsito de veículos, ao menos nas áreas centrais. Assim como estes, poderia comentar vários outros exemplos.

A beleza de alguns locais coloniais históricos é inebriante. Na pobre Granada, na Nicarágua, estão a selva e a montanha, o vale, vulcões, lagos, o Caribe, o Pacífico. Uma cultura latente, forte, aberta, histórica, com cicatrizes dramáticas do que se passou ali em épocas antigas e em tempos recentes, porém, o turista não pode sair à rua sozinho, pois corre perigos vários. A cidade está como foi construída na era colonial. É uma das “Macondos” latinas. As ruas não possuem nomes, pois o poder público ainda não “teve tempo” de organizar esse tema. A população localiza-se dizendo “casa amarela, no sentido norte, a partir da catedral, terceira quadra, mais ou menos no meio da rua” ou ainda “na mesma rua da tenda San Sebastián, em frente ao carvalho, casa azul”. A cidade está preservada, mas é uma preservação não porque existe ou existiu um senso de patrimônio, uma educação cultural, uma educação para o patrimônio. Está preservada porque a população nunca teve condições financeiras de reformar suas casas, de reconstruir seu próprio espaço. Assim é parte do turismo nos confins deste continente.

SOBRE O TURISMO NA TEORIA

Desde um pouco antes da década de 1970, há estudos acadêmicos sobre o turismo na América Latina. Em 1958, na cidade de Toluca, foi criado o primeiro curso superior de Turismo da América Latina. Em 1971, no Brasil e, na década de 1980, em vários outros países, entre eles Argentina, Peru e Chile. No ano de 2002, o Brasil chegou a ter 98 mil estudantes de graduação em Turismo. No México, eram 25 mil.

Existe na região um corpo de intelectuais preocupados com os estudos práticos e teóricos do turismo. Os dois países que mais produzem artigos, livros e eventos científicos na área são Brasil e México, seguidos de Argentina, Chile, Costa Rica e Equador.

Há revistas científicas sobre turismo na Argentina (*Estudios y perspectivas en turismo*), no Chile (*Gestión turística*), Colômbia (*Turismo y sociedad*), México (*El periplo sustentable*), Peru (*Turismo y patrimonio*) e Brasil, que tem mais de 20 revistas (entre elas *Turismo em análise*; *Turismo: Visão e ação*; *Observatório de inovação em turismo*; *Caderno virtual de turismo*; *RBT*; *Cultur*; *Hospitalidade*; *Rosa dos ventos*; *Turismo e sociedade* etc.).

Associações científicas também existem, entre elas, no Brasil a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (Anptur); no Chile, a Sociedad de Investigadores en Turismo de Chile (Societur) e no México a Academia Mexicana de Investigación en Turismo (Amit) e a Red de Investigadores y Centros de Investigación en Turismo (Ricit).

Eventos científicos se multiplicam: no Brasil, o Seminário ANPTUR e o Semintur; no Chile, o Congreso Societur; no México, os congressos da Amit e da Ricit; além do itinerante Congresso Latino-Americano de Investigação em Turismo.

Cursos de pós-graduação em Turismo se fortalecem e possuem formação de referência no Brasil (já são 12), no México (3 doutorados), na Costa Rica (2 mestrados), no Equador (1 mestrado), no Peru (1 mestrado), no Chile (1 mestrado) e no Uruguai (1 mestrado).

O conhecimento desenvolvido por estes grupos deve levar a posicionamentos práticos e ações de gestão corrente, apesar dos inúmeros problemas teóricos da área na América Latina, tal como a tradição de importar modelos de desenvolvimento de outras regiões do globo. Vejamos o caso do crescimento exponencial dos mega empreendimentos turísticos – estilo resorts – na República Dominicana, Costa Rica e México, que quase nada deixam de benefícios para as comunidades locais; ou das grandes companhias de cruzeiros que operam pelo Caribe, cujos impactos positivos para os destinos são duvidosos; ou dos grupos empresariais dominantes que têm o gerenciamento dos melhores atrativos de base patrimonial e cultural de destinos como Macchu Picchu (Peru) e Villa de Leyva (Colômbia).

É necessário ter a concepção de que a produção de conhecimento em turismo – mesmo na América Latina – está a serviço de grupos de empresários, de universidades, de governos, de planejadores, de investigadores etc. Além disso, sofre com a ideologia e os interesses dos acadêmicos que direcionam as pesquisas de acordo com suas necessidades, que podem ser de maior ou menor importância para o mundo real e teórico. Então, o papel do investigador é denunciar, mostrar essa realidade, tornar acessível e visível o pano de fundo no qual se desenvolve o fazer ciência em turismo. É uma denúncia ética necessária. Uma denúncia não negativa, mas sim que clama pelas boas práticas.

DIFICULDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA AMÉRICA LATINA

A visão macro da América Latina permite compreender o contexto no qual o turismo está inserido. Deve-se considerar que o turismo não se desenvolve a contento na macrorregião, pois sofre os efeitos negativos da má gestão pública, da pobreza crônica e da falta de educação formal de sua população. O turismo necessita entrar na agenda pública governamental, mas os próprios formadores de opinião e tomadores de decisão ainda não perceberam a sua importância.

Entre os principais problemas pontuais para o desenvolvimento do turismo na América Latina, podem ser destacados:

- A pouca preocupação com o meio ambiente em alguns destinos;
- A ausência de trabalhadores capacitados para atender às demandas turísticas, fator que leva à baixa qualidade dos serviços e à ausência de competitividade internacional;
- A descontinuidade das políticas públicas e planos de turismo. A cada novo governo que assume é comum o estabelecimento de um novo plano turístico. Não há política de Estado, mas sim de governo (veja o caso do Brasil);
- A pobreza em grande parte da população que habita a macrorregião – ainda que países como Chile, México e Brasil tenham crescido economicamente nos últimos tempos;
- A visão equivocada do estrangeiro sobre o que é a América Latina a partir da falta de uma imagem clara do turismo nos países;
- As instabilidades econômicas/políticas/sociais regionais que não permitem a continuidade de planos de investimentos turísticos. Isso dificulta também o acolhimento de investimentos estrangeiros no setor de turismo;
- A grande distância dos principais destinos emissores de turistas, entre eles a Europa, a Ásia e até mesmo os EUA e o Canadá;
- A visão estereotipada das comunidades locais de que o turismo é atividade somente de pessoas ricas e que vêm de longe. Tal perspectiva dificulta a inserção das comunidades locais no setor do turismo;
- A visão romântica e utópica sobre o continente;
- O distanciamento que existe entre a academia de turismo e o mercado turístico. São dois setores que devem trabalhar em conjunto;
- E existência de temas governamentais “mais importantes” que o turismo para os Estados se preocuparem, tais como saúde, educação, segurança e transporte públicos.

AÇÕES E ENCAMINHAMENTOS

Mas como melhorar essa situação e corrigir seus equívocos?

É evidente a necessidade de se reposicionar a discussão e a ação sobre políticas de turismo, sejam nacionais ou internacionais, públicas ou privadas, setoriais ou comunitárias, macro ou micropolíticas. Vários problemas precisam ser enfrentados. Um deles é acabar com o discurso que só vê qualidades no turismo e condena os críticos como se não tivessem visão estratégica. Outro problema é o costume equivocado de não preparar as comunidades e os diferentes setores para discutirem em conjunto e se

corresponsabilizarem pelos projetos e políticas turísticas. Fala-se muito sobre a responsabilidade dos governos, mas pouco sobre a responsabilidade da sociedade civil organizada: sindicatos, organizações de ambientalistas ou pessoas interessadas em qualidade de vida; empresários e suas organizações de classe. Aqui entra o Código de Ética no Turismo, que propõe ações positivas sobre o que se deve fazer e não foca no que não se deve fazer.

Deve-se superar a etapa de planejamento e avançar com a correta gestão das empresas, das pessoas e dos destinos. Deve-se buscar a melhor forma de se gerir o local a partir de suas particularidades e não de modelos importados.

O empresariado tem responsabilidade direta quanto ao planejamento, à ética e à manutenção de elevados padrões de qualidade. Quando há problemas nas áreas de turismo ou hotelaria, o setor privado é um dos primeiros setores a ser atingido e é fundamental que a saúde financeira dos países seja preservada, a começar pela saúde das empresas, pois isso é bom não apenas para os empresários, mas, também, para funcionários, fornecedores, clientes e governos (que vivem dos impostos pagos por todos). É evidente que a responsabilidade recai também sobre os governos. No entanto, as mudanças que precisam ser feitas são de responsabilidade direta do pessoal ligado ao setor de viagens e turismo.

Acredita-se que outro turismo é possível para a América Latina. Um turismo mais inclusivo, sustentável, responsável, participativo, ético e democrático.

Como dizer que o turismo é uma bandeira da paz em um mundo cujo belicismo continua a ser uma proposta lucrativa de dominação?

Como afirmar que o turismo contribui para a compreensão entre os povos se as fronteiras estão fechadas para milhões de excluídos?

Como encarar o turismo enquanto possibilidade de desenvolvimento se a globalização ameaça degenerar-se em um sistema “globalitário” e dogmático?

O que fazer com os excluídos em um planeta que esgota irresponsavelmente seus recursos naturais e a escassez de água, alimentos e territórios habitáveis ameaça populações inteiras?

A globalização precisa acentuar seus aspectos positivos e deter suas perversões típicas de poder desmedido e falta de visão social. Os destinos pobres, entre eles países da América Latina, da África, da Ásia, do Oriente Médio estão incluídos neste contexto. As novas sociedades devem ser fundamentadas no humanismo e no conhecimento científico direcionado ao pleno desenvolvimento dos recursos humanos, naturais e tecnológicos. Para começar, é preciso propor uma agenda de discussões e iniciativas sobre a consciência turística e suas relações com o mundo atual.

Conforme já destacado por Trigo e Panosso Netto (2003), devem ser levados em consideração os seguintes itens para se construir não apenas um turismo melhor na América Latina, mas um mundo inteiro melhor, já que se trata, também, de ações éticas: acesso digital democratizado; cidadania e hospitalidade em seu sentido mais amplo; combate ao preconceito em geral; combate à corrupção, ao crime organizado e à impunidade; combate à exploração sexual infantil; combate ao terrorismo em todas as suas formas; democracia política; diminuição das desigualdades econômica e social; educação até o nível superior para todos; entendimento de que o turismo não é apenas um fato econômico; ética em todos os níveis governamentais, políticos e sociais; globalização com ênfase também no social e não apenas no econômico; inclusão em todos os sentidos; justiça social; melhor distribuição de riquezas; maior garantia de acesso às oportunidades para todos; pluralismo democrático e cultural; recuperação do sentido da paz e da liberdade; solidariedade e; sustentabilidade.

O setor de viagens e turismo é um dos mais significativos da economia global, portanto, é importante enquanto construtor de uma nova ordem internacional. O turismo depende de uma sociedade equilibrada e justa para se desenvolver plenamente em qualquer lugar do globo. Deve ser entendido como uma das facetas das sociedades atuais, e não como um apêndice.

Encerro com uma reflexão de Leopoldo Zea Aguilar, filósofo mexicano falecido em 2004, que tentava superar a utopia e o realismo mágico, que formaram uma imagem da identidade latino-americana. Essa utopia e esse realismo mágico também foram trabalhados em muitos *clusters* de turismo e nas políticas de turismo, tais como nos slogans turísticos: *Colombia is magical realism*, *Peru land of the Incas*, “Guatemala – coração do mundo Maia” e outros signos mais, tais como “Sensacional”, “*Pueblos mágicos*” e “Exótico além da palavra”. Essas imagens e slogans reforçam imaginários exógenos. Leopoldo Zea queria romper com esse neocolonialismo e com as influências externas, tais como a dos EUA na América Latina. Por isso, sua proposta era a defesa da integração latino-americana. Uma América Latina Integral. Para ele, a identidade latino-americana é viável como um projeto em construção, sem esquecer o que foi feito, para assim assimilar o que foi, de fato, realizado, para poder ser algo distinto, sem que seja necessário deixar de ser o que se é. Desta maneira, é necessário superar essa noção de magia, utopia, primitivismo e exotismo das políticas em turismo na América Latina.

Essa reflexão tem levado um grande grupo de investigadores na América Latina a uma perspectiva crítica sobre turismo para superar os problemas que foram aqui levantados, tais como o impacto democratizador do tempo livre, as questões da tecnologia e uma educação aberta. São temas que estão sendo discutidos com um olhar focado na realidade, não na realidade mágica, e sim na realidade vivida. O turismo poderia ser um resgate das condições de vida, do contexto, do território, dos costumes, das

práticas dos povos latino-americanos e reivindica-se uma investigação turística com uma virada crítica para a perspectiva latino-americana, uma visão transversal, interdisciplinar e multidimensional do que é o turismo nesse nosso território. Por trás do realismo mágico, do exótico, do belo, do sensacional e da utopia, se escondem muitas práticas nocivas e distantes da realidade que, por meio dos discursos, vão se mantendo. Somente pela investigação e pela crítica será desenvolvida uma consciência do vivido.

Um turismo ético só será possível em uma sociedade mais participativa, na América Latina e em qualquer lugar. Capital e conhecimento são importantes nessa construção, mas a revalorização do humanismo é fundamental para que a vida seja preservada e dignificada. A vida humana, a vida animal e vegetal e o próprio planeta, que sustenta todas essas vidas, são os nossos maiores valores. A nossa meta é garantir que todos desfrutem dessa aventura no Universo e isso a ciência ou a tecnologia não podem garantir sozinhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATLAS DA VIOLÊNCIA 2016. *Fórum brasileiro de segurança pública*. Brasília, IPEA, março de 2016.
- MARQUES, Gabriel García. *Cem anos de solidão*, 43^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). *Barômetro* (anos 2013, 2014, 2015 e 2016).
- PANOSSO NETTO, Alexandre; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (org.). *Turismo na América Latina: casos de sucesso*. Assis: Triunfal, 2016.
- PIERI, Vitor Stuart Gabriel de; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Turismo internacional: fluxos, destinos e integração regional*. Boa Vista: EdUFRR, 2015.
- SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira de. Economia e turismo na América Latina e Caribe. In PANOSSO NETTO, Alexandre; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (org.). *Turismo na América Latina: casos de sucesso*. Assis: Triunfal, 2016, pp. 39-79.
- SILVA, Claudete de Castro. Os dilemas da infraestrutura física sul-americana e a geoeconomia do Brasil: uma contribuição para a discussão sobre a defesa nacional. In PIERI, Vitor S. G.; PENNAFORTE, Charles. *Defesa Nacional: Desafios e perspectivas geopolíticas*. Rio de Janeiro: Cenegri, 2012, pp. 57-80.
- RIBEIRO, Darcy. *Sobre o óbvio: ensaios insólitos*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.